**Abordagens terapêuticas às drogas e às prisões**

A guerra contra as drogas já tem mais de cinquenta anos e uniu o destino das prisões ao comércio das drogas. Nenhuma política para as drogas nas prisões pode ser imaginada, a não ser como mistificação, sem entender a razão pela qual a comunidade internacional organizou e continua a organizar guerras civis em numerosos países (sendo a Colômbia ou as Filipinas uns dos mais espetaculares) cujas armas são fornecidas por alianças globais de redes de traficantes, policias e banqueiros, incluindo também militares (no Afeganistão ou na Albânia), politicamente sensíveis, e cujos resultados são o inverso das finalidades anunciadas oficialmente.

Nas prisões de todo o mundo acumulam-se sobrelotações, presos por crimes directa ou indirectamente relacionados com drogas, doses massivas de psicotrópicos e comércio de drogas ilícitas, sem as quais as prisões seriam ingovernáveis – segundo afirmam altos responsáveis pela segurança nas prisões.

Há soluções disponíveis para as prisões, apesar dos constrangimentos descritos. Há exemplos de prisões sem guardas e de prisões terapêuticas. O que não há é vontade política para generalizar as boas práticas penitenciárias. Pelo contrário, estudos na Europa mostram que os estados se dispensam de respeitar as regras penitenciárias europeias prescritas pelo Conselho da Europa.

No caso português, a abordagem terapêutica, em vez de criminal, dos consumidores de drogas ilícitas e lícitas revelou-se benéfico para os utentes e respectivas famílias, amigos e empregadores. Ao mesmo tempo que estas medidas foram colocadas no terreno, porém, o número de prisioneiros aumentou até a sobrelotação (para depois voltar a descer) e o tráfico de drogas nas cadeias continua como sempre esteve – não se conhecem sistemas prisionais capazes de prevenir crimes nem impermeáveis às drogas.

**Therapeutic approach to drugs**

Alcohol prohibitionist policies showed to be one of the direct causes of gangsterism and political and police corruption in US towns, in the thirties. Global drug prohibitionist policies showed to be a direct cause of the spread of drug dealing worldwide, turning addiction problems worse, imposing to families in isolation to suffer financial decay and mental diseases, decreasing illicit drug quality to the public. It promoted social and chemical dependence on the parallel economy, and in the military (as in Afghanistan), police and prisons.

Because of the war on drugs, criminal courts did violate the rule of law on drug cases, suppressing the prove onus. Prisons become a zombie field, and illicit drug dealing comes with a strong increase of prisoners and psychotropic medicine distribution at the expense of the state budget to manage the overcrowding.

Decriminalization of drug consumption opened the opportunity to develop a successful state system that supports health care to addicts. The system proved that the therapeutic approach to the problem is more efficient and human than a criminal approach. Still, most of the prisoners have addiction problems and most of their crimes are drug-related.

The number of prisoner increases and drug decriminalization policies run, at the same time. Last years' decrease in prisoner numbers has nothing to do with decriminalization policies. Healthcare problems still produce great concern and expenses for the prison system.

No reversal change happened in prisons comparable to the 80´s of Portuguese system entrance of war on drugs. Overcrowding and cultural zombie homogenization are still in place.

No reverse in the social addiction to punishment priority on treating social and healthcare problems. This half-century prohibitionist policy is a support to upcoming worldwide neo-fascism threats.

[**Manifesto**](http://home.iscte-iul.pt/~apad/PrisoesEuropa/observatorio/PROJ%20ALTERNATIVAS/wp3/Manifesto%20PT%20variation.pdf) por uma nova cultura penal (2016) por A.P.Dores, N. Pontes e R. Loureiro (incluindo o vídeo: [Alternativas - sair da sombra](http://home.iscte-iul.pt/~apad/PrisoesEuropa/observatorio/PROJ%20ALTERNATIVAS/wp3/videos/Alternativas%20-%20Sair%20da%20Sombra%20V3.mp4) 11,01´´; versão curta 2:25´´) trabalhos em que também participei, por sugestão dele (ver abaixo), eu posso cumprir a tarefa de representar a sociedade civil no encontro citado.

A minha maior atenção tem sido dedicada às prisões e a guerra contra as drogas é, evidentemente, uma ou mesmo a principal causa da maior parte dos usos das prisões. Não apenas, mesmo depois da descriminalização dos consumos, a maioria dos presos está condenada por actividades directa e indirectamente relacionadas com drogas, mas também dentro da prisão os usos de drogas (lícitas e ilícitas) para gerir as prisões é aparentemente indispensável.

No manifesto, realizado no quadro do [Observatório Europeu das Prisões](http://home.iscte-iul.pt/~apad/PrisoesEuropa/), defende-se que a “experiência portuguesa” poderia inspirar uma nova cultura penal centrada na terapêutica e na prevenção em vez de, como acontece hoje, na punição e na reprodução das condições sociais e políticas de reprodução dos crimes mais vulgares. Nomeadamente, a banalização do uso de drogas ilícitas como moeda de troca no mundo do crime (tráfico de pessoas e armas).

Pessoalmente poderia acrescentar que o dilema entre democracia e ditadura, respeito mútuo e ostracismo contra os “outros”, que se apresenta no horizonte da civilização ocidental hoje, está intimamente relacionado com as políticas criminais, com a manipulação das decisões judiciais para fazer a guerra contra a droga (e outras guerras, como alegadamente se passa no Brasil), com a prática de dispensa do ónus da prova nos casos relacionados com a posse de drogas ilícitas.

Alguma relação há-se haver entre a suspensão oportunista dos princípios do direito penal para fazer esta guerra, o prestigio das forças policiais versus o desprestígio dos tribunais, e o sucesso eleitoral e institucional de desprezo pelos direitos humanos.